

PAULINA CHIZIANE. VOZES E ROSTOS FEMININOS DE MOÇAMBIQUE

Letícia Villela Lima da Costa*

Dentro do cada vez mais vasto cenário das literaturas africanas de língua portuguesa, Paulina Chiziane destaca-se por ser a primeira romancista mulher de Moçambique. Ela, no entanto, prefere ser mais conhecida como uma contadora de histórias, o que confere à sua obra traços de oralidade.

No centro de suas narrativas vemos figuras femininas que, de uma forma ou de outra, são símbolos de resistência à dominação patriarcal. É através dessas diversas vozes femininas que a romancista nos mostra a sociedade moçambicana, com todas as suas contradições e diversidade.

Numa sociedade onde a mulher não tem nem voz, escrever é um ato de coragem. Chiziane, ao assumir o papel de contadora de histórias, convida seus leitores a mergulharem no universo da condição feminina, ainda profundamente arraigado à cultura patriarcal.

Essas e outras questões são amplamente abordadas no livro: *Paulina Chi-*

ziane. Vozes e rostos femininos de Moçambique, organizado pelas Professoras Maria Geralda de Miranda e Carmen Lucia Tindó Secco.

A obra é dividida em quatro partes, sendo a primeira composta por dezenove ensaios de diferentes e renomados estudiosos da área das literaturas africanas de língua portuguesa, como Ana Mafalda Leite, Laura Padilha, Inocência Mata, Carmen Lucia Tindó Secco, entre outros; a segunda parte traz depoimentos de escritores e pesquisadores, como Pires Laranjeira, Tânia Tomé e Vera Duarte, que imprimem um tom mais pessoal acerca de suas experiências de contato com a autora e/ou sua obra; já a terceira parte, com o objetivo de estabelecer um maior contato dos leitores com a voz da romancista, apresenta três entrevistas concedidas pela própria escritora, além de outras dadas por escritores moçambicanos que expõem suas impressões sobre a obra de Chiziane. São eles: Mia Couto, Ungulani Ba Ka Khosa e Suleiman Cassamo; a quarta e última parte é constituída por uma listagem de títulos de teses, dissertações e monografias sobre a autora, o que evidencia o crescente interesse pela sua obra, tanto em Moçambique, como também em Portugal e no Brasil.

O livro conta também com um primoroso prefácio da Professora Laura Padilha e a lapidar apresentação da Professora Maria Geralda de Miranda.

* Professora substituta de literaturas africanas de língua portuguesa UFRJ

No prefácio, Padilha aponta para a representação dos sujeitos femininos na obra da romancista e destaca o uso das figuras femininas como símbolos de resistência a uma postura ética que leva “a denunciar a dupla forma de exclusão e a necessidade de se reverter a ordem patriarcal dominante”, ressaltando também o suporte político que sustenta os textos de Chiziane. Ainda segundo Padilha, a obra de Paulina acaba por “sacudir” seus leitores e ouvintes (considerando-a uma contadora de histórias, nutrida pela oralidade).

Como não poderia deixar de ser numa apresentação, a coletânea é explicada, tanto em sua forma quanto em seus objetivos e intenções. Os ensaios, depoimentos e entrevistas são mencionados um por um, com destaque para os principais temas tratados por cada autor. O próprio título, “Paulina Chiziane e a ousadia de escrever”, já nos indica caminhos. Maria Geralda de Miranda aponta o foco para a importância da escrita feminina em Moçambique e mostra como o ato de escrever é, para as mulheres moçambicanas, por si só, um ato de coragem e de ousadia.

A pluralidade dos assuntos levantados pelos inúmeros pesquisadores e escritores – e de que forma tais estudos contribuem para a análise da obra de Chiziane – é um dos elementos de destaque desta apresentação e, por conseguinte, desta coletânea.

Os temas tratados são muitos: vão desde questionamentos e denúncia à dominação masculina em Moçambique; à crítica ao reducionismo da visão ocidental sobre a mulher africana e o entrelaçamento

discursivo que constroem os sentidos do feminino, passando pela multiplicidade de linguagens – com o trabalho da romancista com cinema, por exemplo. Essa multiplicidade de vozes e olhares só reforça o caráter múltiplo da obra da romancista/contadora de histórias, e evidencia o cada vez mais progressivo interesse que seus escritos vêm despertando nos inúmeros estudiosos da área.

Não podemos deixar de mencionar e dar relevo às duas entrevistas concedidas por Paulina Chiziane, uma à Maria Geralda de Miranda e outra a Alex Rodrigues. Em ambas, vemos surgir a voz da autora, bem como suas opiniões e experiências. No melhor estilo africano de contar histórias, ao ler as entrevistas nos tornamos ouvintes e expectadores desse maravilhoso jogo narrativo.

Na primeira, concedida à Maria Geralda de Miranda – e com perguntas elaboradas pela mesma – muitos temas vêm à tona, especialmente no que tange à condição da mulher moçambicana, o universo que a cerca e como essa experiência do feminino se reflete em seus romances.

MARIA GERALDA: Em seus romances, você sempre deixa uma fresta de possibilidades, de esperanças. O que hoje poderia mudar a vida das mulheres moçambicanas? Quais as possibilidades reais de melhoria da qualidade de vida do povo que ainda habita as zonas rurais?

PAULINA CHIZIANE: A situação das mulheres moçambicanas evoluiu muito nos últimos tempos; a educação está cada vez mais acessível às mulheres. O mercado de emprego vai abrindo gradualmente e a vida das mulheres vai melhorando. As mulheres destacam-se cada vez mais em todas as esferas: na política,

no desporto, no empresariado. As mulheres moçambicanas estão cada vez mais ativas. (*In: MIRANDA; SECCO, 2013, p. 356*)

Já em outro trecho da entrevista, fica bem claro o poder que Chiziane confere às mulheres. São elas os grandes agentes de mudança, os símbolos de uma resistência possível:

MARA GERALDA: Ainda em **Balada de amor ao vento**, há na descrição da personagem Nguila, algo de pujante que parece “justificar” a poligamia. (...). Como prática social, a poligamia é hoje questionada, principalmente pelas mulheres que vivem nas cidades africanas ou há um movimento real de mulheres que questiona cada vez mais essa prática em Moçambique? Na verdade, gostaria de saber qual é o posicionamento da grande maioria das mulheres sobre esta questão?

PAULINA CHIZIANE: No meu país, as mulheres fizeram um movimento pela aprovação da nova lei da família que não inclui a poligamia e essa lei já foi aprovada. Porém, as igrejas cristãs, desde tempos remotos, eram contra a poligamia. As igrejas muçulmanas, que estão a crescer, são a favor da poligamia. A opinião da maioria das mulheres é contrária à poligamia; elas são obrigadas a aceitar. Portanto, a tradição moçambicana e a religião islâmica tornam a poligamia mais forte. (*Idem, p. 352*).

A riqueza temática que transparece na obra de Paulina Chiziane está muito bem representada nessa coletânea. Tanto os ensaios, como os depoimentos, oferecem ao leitor interessado um arcabouço

vastíssimo acerca da produção ficcional da autora. Múltiplas análises, sob diversos prismas, contribuem de forma decisiva para a fortuna crítica da romancista. A publicação de *Paulina Chiziane. Vozes e rostos femininos de Moçambique* é de fundamental importância para todos aqueles que se interessam pela obra de Paulina Chiziane. Podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que este livro é uma referência, não só para os estudos sobre a ficcionista moçambicana, mas também para as literaturas africanas em língua portuguesa.

Todos os textos presentes no livro são essenciais para o aprofundamento da reflexão acerca da África e sua produção literária e servem como estímulo para as futuras gerações de críticos, pesquisadores e escritores. As relações do Brasil com o continente africano sempre foram estreitas, apesar do vasto oceano que nos separa. No entanto, esse contato deve alargar-se cada vez mais. Não podemos deixar de ressaltar o contributo dessa publicação para o fortalecimento do diálogo Brasil-África-Portugal e suas ressonâncias.

BIBLIOGRAFIA

MIRANDA, Maria Geralda de. & SECCO, Carmen Lucia Tindó. *Paulina Chiziane. Vozes e rostos femininos de Moçambique*. Curitiba: Editora Appris, 2013.